

“Mandato popular do Sarney”

A composição da banca da do PSDB durante a última legislatura indicava 21% de integrantes da antiga ARENA, berço do PDS (hoje PPR) e, mais tarde, do próprio PFL.

A fatura do que os tucanos dizem ser uma pechincha não deverá vir antes da montagem do ministério e dos primeiros lances das pretendidas reformas econômicas. A reforma tributária, que definirá para onde vai a conta do saneamento do Estado, é um exemplo clássico de disputa política e pode ser um bom termômetro da eficácia das alianças eleitorais num eventual governo tucano.

O maior risco, que os próprios tucanos reconhecem, é de uma sarneyzação do futuro governo, que se traduziria nas pressões fisiológicas com poder de paralisar a máquina administrativa. “É o respaldo de um mandato popular conferido pelas urnas que vai diferenciar o governo Fernando Henrique do de Sarney”, aposta a cientista política Maria D’Alva Gil Kinzo, da USP.

Se conquistado no dia 3, este mandato terá por incumbência arbitrar os conflitos de uma aliança cujo exemplo mais significativo pode ser encontrado no Ceará, terra em que os tucanos se notabilizaram por derrubar os “velhos coronéis”. O palanque de campanha e a base de apoio de um possível governo Fernando Henrique têm lado a lado o “coronel” Adauto Bezerra e os “caçadores de coronéis” Tasso Jereissati e Ciro Gomes.

“A amplitude das alianças de Fernando Henrique não encontram amparo em nenhum governo social-democrata do mundo”, comenta Paulo Sérgio Pinheiro. Essa é uma das razões por que é difícil prever o que pode vir a ser o seu governo.

Se na política de alianças Fernando Henrique não poderá buscar em Felipe Gonzalez uma fonte de inspiração, talvez a biografia dos dois personagens volte à conciliá-los. Ambicioso, Gonzales tem uma imagem pública de honestidade que sobrevive aos escândalos de seu governo.